

PREÂMBULO

MALES DO PAIS

Sabemos todos, de cor e salteado, quais os males e pragas que afetam o País, mormente a administração pública brasileira, desde os tempos da descoberta. Corporativismo, fisiologismo, patrimonialismo, populismo, clientelismo, nepotismo e mais tantos e tantos outros "ismos"...

Engendrou-se uma máquina – com seus dispositivos poderosos, perversos – que concentra(m) o poder, ampliam a burocracia, mediante uma legislação perdulária, o massacre fiscal, a mentira institucionalizada, a incompetência galardoada, as castas privilegiadas, o isolamento e a exclusão da sociedade; os cidadãos destituídos de direitos reais, de voz, de reconhecimento, expostos ao arbítrio e o humor cínico dos governantes.

A democracia que vivemos é autoritária, totalitária, utópica (no mau sentido), enferma, em que somos condicionados à subalternidade, à anulação da identidade, à acomodação, ao eterno "não há solução". Temos que buscar a oposição a tudo isso, à defesa dos direitos de cidadania, com suas diferenças, sua liberdade, o que nos exige audácia, coragem, carradas de esperanças, inconformismo, o mergulho nos magníficos tesouros de nossa cultura, de nossa razão cívica. A contestação se faz de forma pacífica, pela educação, pela conscientização, pela livre iniciativa, pelas pessoas, por uma sociedade civil bem formada, informada, patriótica, cônica de seus princípios e valores.

Um País de tamanhas desigualdades sociais e econômicas, em que há, ademais, uma obsessão virulenta pela sexualidade, pela sensualidade, pela promiscuidade. Basta observarmos a temática de muitos religiosos e autoridades letradas. Por que será?! A obsessiva perda do desejo, a questão do poder permeando perversamente as relações, a prevalência e o monopólio do exercício da verdade, de reivindicação exclusiva, sectarista da virtude; ai de quem reitera ou critica os privilégios e os artifícios do poder corrupto e corrompido, de domínio e manipulação do Estado. Não se admite o contraditório, em que muitos se fazem prepotentes, onipotentes, assentados em tronos putrefatos, corroídos pela desídia e pelo desprezo público.

São milhões e milhões amordaçados, espoliados, espremidos, atormentados por toda sorte de dificuldades existenciais, portando, no silêncio de sua via-crúcis, cicatrizes, feridas, chagas abertas, enquanto os "graúdos" insaciáveis insistem em suas sádicas incisões e insanidades dominadoras.

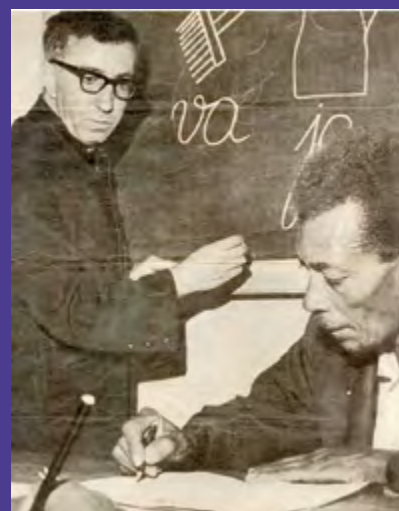
O homem se apropria, reproduz as características animalíscas, armadilhas de morte, barbáries, a força absoluta, a violência explícita, ainda que, modernamente, sob a forma de leis e "direitos"... Aí vemos o controle monopolista da economia, da mídia e meios de comunicação, da consciência. Para Platão, "não há igualdade diante da lei sem a justa, equânime distribuição de direitos"

Um fio mágico

"Há um fio mágico que nos liga sempre à terra natal, independente da nossa história pessoal, da nossa vivência e andanças pela orbe terrestre. Há um fio mágico que nos mantém atentos à terra, às pessoas, aos fatos, atos e boatos dos "largos," pracinhas, becos e ruas...Sobretudo quando temos a graça de nascer nas doces plagas interioranas".

Pág. 3

Em nome da fé



A Coleção Vertentes Cultural acaba de ganhar seu terceiro volume, o livro "Em nome da fé: trajetória e memórias do Padre Tiago de Almeida". O impresso - também disponível para download em nosso site, é resultado de pesquisas da historiadora Edriana Nolasco e do 'diário de bordo' do pároco, entregue por uma amiga pessoal ao presidente do Conselho de Administração do Sicoob Credivertentes, João Pinto de Oliveira. Nesta edição do nosso boletim, um artigo sobre o religioso de perfil múltiplo e legado único.

Pág. 11

Das lágrimas, o rio

O deus do Amor. Eros, da Mitologia Grega? Não. Em nossas páginas contamos a história de Rudá, importante figura das tradições indígenas brasileiras que, com suas lágrimas, teria ajudado a formar um importante rio em nossa região.

Pág. 13

Esperança

Derivada do latim SPES - "ter confiança em algo positivo". No Português, "ato de esperar aquilo que se deseja obter". Na Cultura Popular, "a última que morre". Não importa a definição escolhida: fato é que a esperança está lá, em algum canto do cotidiano (inclusive dos mais pessimistas). E não por outro motivo inspirou poesias de nomes como Carlos Drummond de Andrade e Mário Quintana.

Pág. 16

ADIVINHAS

- 1- Quem inventou a fila?
- 2- Por que os loucos nunca estão em casa?
- 3- O que detestamos na praia e adoramos na panela?
- 4- Qual a semelhança que há entre a arrumação de uma casa e o samba

Respostas: 1- as formigas; 2- porque vivem fora de si; 3- caldo; 4- em ambas mexemos com as cadeiras

Provérbios e Adágios

- A ignorância e a candeia a si queimam, e aos outros "alumeiam".
- Acender uma vela a Deus, outra ao diabo.
- Ao insensato, dá-lhe logo a fúria, quem é prudente dissimula a injúria.
- Ao rico, mil amigos lhe aparecem, ao pobre, seus irmãos o desconhecem.
- Atirou no que viu, matou o que não viu.



Para refletir

• **CORRUPÇÃO**

Catão, o censor de Roma, já denunciava em 135 a.C "Fures privatorum in nervo atque in compendibus datatam agunt; fures publici in aura atque in purpura" (Os ladrões dos bens privados passam a vida no cárcere; os de bens públicos no ouro e na púrpura).

• **Provérbio italiano:**

"Qui ruba pouco é sciocco e va in galera; qui ruba molto e fa carriera" (Quem rouba pouco é tolo e vai para a cadeia; quem rouba muito é esperto e faz carreira).

EXPEDIENTE

QUEM SOMOS:

O boletim é uma iniciativa independente, voluntária, necessitando de apoio de todos os São-Tiaguenses, amigos de São Tiago e todas as pessoas comprometidas com o processo e desenvolvimento de nossa região. Contribua conosco, pois somos a soma de todos os esforços e estamos contando com o seu.

Comissão/Redação: Adriana de Paula Sampaio Martins, Elisa Cibele Coelho, João Pinto de Oliveira, Paulo Melo.

Coordenação: Ana Clara de Paula

Revisão: Mariane Carla Fonseca.

Colaboração: Marcus Antônio Santiago; Instituto hist. Geográfico de São Tiago.

Apoio: Leticia Stefany dos Santos Santiago

E-mail: credivertentes@sicoobcredivertentes.com.br
COMO FALAR CONOSCO:

BANCO DE DADOS CULTURAIS/INSTITUTO SÃO TIAGO
APÓSTOLO

Rua São José, nº 461/A - Centro
São Tiago/MG - CEP: 36.350-000

Celular: (32) 9 9912-2254 (hor. comerc.) Tel.: (32) 3376-1286

Falar com Leticia Stefany dos Santos Santiago

MEMORIAL SANTIAGUENSE completa 10 anos de instalação

O Memorial Santiaguense foi inaugurado em 27/12/2008 em comemoração aos 60 anos da assinatura da Lei de Emancipação do município de São Tiago.

Ele tem como objetivo: guardar, zelar, preservar e expor à visitação pública objetos, fotos e documentos históricos do município.

O Memorial fica aberto à visitação de 8h30 às 11h30 e 13h às 18h (De 2ª a 6ª feira) a Rua: Carlos Pereira, 33, Centro, São Tiago.



Realização:



Patrocínio:



Apoio Cultural:



AO PÉ DA FOGUEIRA

QUITANDA BOA

Naquela missa dominical, Pe. José Duque soltara o verbo quanto aos pecados e mazelas dos paroquianos. Subira, sem dúvida - e excessivamente - o tom, exprobando duramente o comportamento de amasiados, concubinos, os de conduta leviana que, segundo o pároco, eram inúmeros em toda a comunidade, verdadeiras ovelhas más do rebanho. Fora ainda além em suas palavras: - E muitos desses desabusados e pecadores ainda tem a petulância, a audácia de irem até a minha casa, tomarem café na minha mesa...

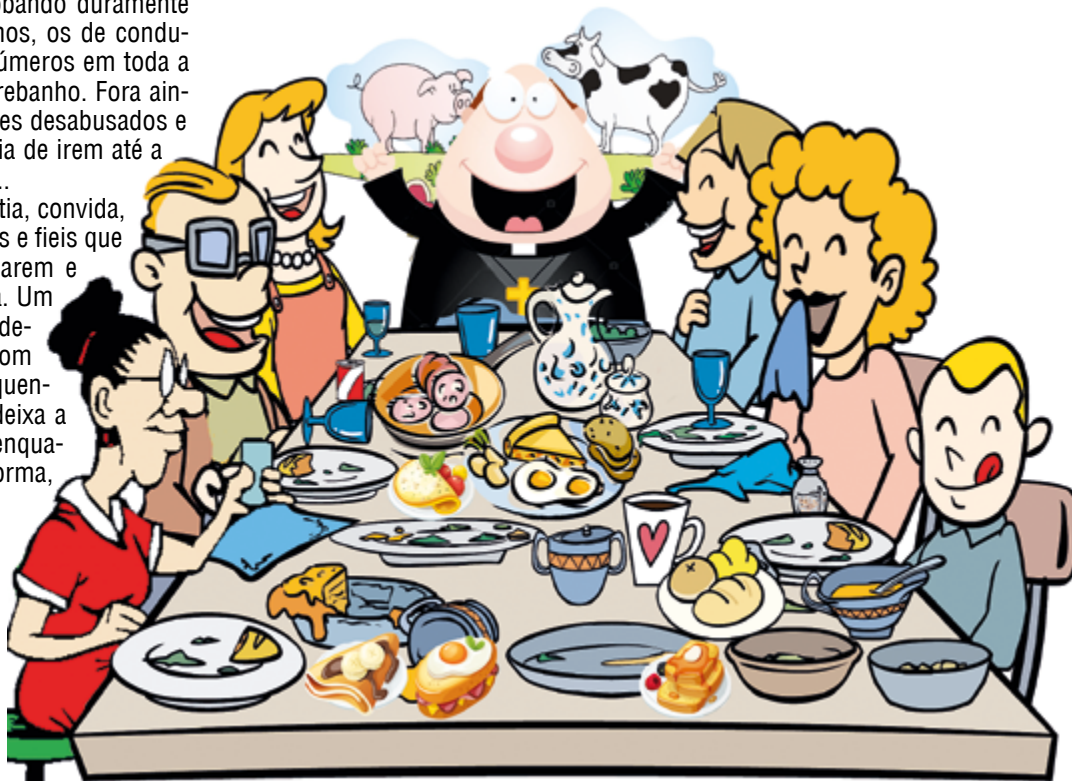
Terminada a missa, ele, à saída da sacristia, convida, festivamente como de sempre, os coroinhas e fieis que encontrava pelo caminho para compartilharem e tomarem com ele o café em sua residência. Um dos convidados redargue: - Pe. José, agradecemos muito o convite. Mas o senhor, com seus esculachos, censurando quem lhe frequenta a casa, inclusive para tomar café, nos deixa a todos constrangidos. Poderemos estar enquadrados nesse rol de pecadores e dessa forma, contaminando sua residência...

- Vamos, seus lamurientos! O café está nos esperando...

Lá chegados, são todos surpreendidos com uma mesa muito bem ornamentada, farta, repleta de guloseimas. Variedades de biscoitos, quitandas, queijos, doces, carnes, frutas, oriundas da Fazenda do Ipê, enviadas por sua sobrinha Nieta, esposa do sr. José Jacinto Lara e filhas. Pe.

José, empolgado ante tanta abundância, extravasa:

- Quitanda boa é a que vem do galinheiro, chiqueiro e curral.



UM FIO MÁGICO

Há um fio mágico que nos liga sempre à terra natal, independente da nossa história pessoal, da nossa vivência e andanças pela orbe terrestre.

Há um fio mágico que nos mantém atentos à terra, às pessoas, aos fatos, atos e boatos dos "largos," pracinhas, becos e ruas...Sobretudo quando temos a graça de nascer nas doces plagas interioranas. Ainda e mesmo por isto, há um fio mágico que nos mantém antenados com as Instituições tão próprias do berço natal.

Há um fio mágico!... marcante, persistente e vibrante, que leva-me à Escola; o Grupo Escolar; a Escola Estadual Afonso Pena Junior da plácida São Tiago das Minas Gerais!

O pensador Leon Tolstói registrou: "Se queres ser universal, começa por pintar a tua aldeia."

Descobri-me universal por estar sempre com pincéis imaginários a pintar minha aldeia, meu arraial, minha cidade dos verdes anos, mas também dos anos outonais.

Agora mais uma tela se enche de cores para revelar, da infância, a primeira escola que está comemorando noventa anos da sua fundação!

São Francisco de Assis disse que para evangelizar, o importante é a atitude. Poderíamos dizer o mesmo quanto ao educar e aqui convokei o Santo para homenagear dois serventes- servir é nobre- do Afonso Pena nos tempos de há muito idos: Senhor Braulino e Senhor José Ica. O primeiro, moreno, magro, estatura mediana. O segundo, claro, baixo, não tão magro quanto o colega. Ambos eram calvos, usavam sempre ternos de brim com dois bolsos laterais. Ambos usavam canivetes para gentil e pacientemente apontar os lápis dos alunos. Na simplicidade dos seus gestos emanavam o prazer de servir. Deixavam ver dedicação e bondade na modéstia do seu trabalho. Também eram encarregados do sino que indicava início e término das aulas e do recreio - há que se pensar na significância disto!

Como diria Cora Coralina, sou do tempo do Afonso Pena das palmatórias, do respeitado tímpano sobre a escrivadinha da mestra, do ficar de castigo atrás da porta... Sou do tempo das professoras bravas, exigentes, autoritárias, mas também das normalistas lindas, meigas, educadoras sensíveis, doces, quase maternas...

Há um fio mágico que vai estar sempre ligando meus pensamentos e minha gratidão à nonagenária Escola Estadual Afonso Pena Junior, uma das melhores escolas públicas do nosso País, graças à dedicação extraordinária dos seus mestres de ontem e de hoje. Eles me fazem lembrar do Imperador Dom Pedro II : "Se não fosse Imperador do Brasil, quisera ser mestre escola. Não conheço missão maior e mais nobre que a de dirigir as inteligências jovens e preparar os homens do futuro."

Louvores...

Passos-MG, 22 Nov 2017 - Efraim A. Marcos -

CAPITÃO BERNARDO HOMEM DA SILVEIRA

O Cap. Bernardo Homem da Silveira foi um dos maiores potentados e latifundiários de nossa região no século XVIII, com propriedade sede na Fazenda Serra do Sal, patriarca e tronco da família “Bernardes da Silveira” e tido, por muitos, como a base formadora de São João Batista (hoje Morro do Ferro).

Natural de Cruz do Redondo, freguesia de Nossa Senhora da Piedade da Ponta, Vila das Lajes, Ilha do Pico, no Arquipélago de Açores, onde nasceu aos 20-05-1725; era filho de João Gonçalves de Areias e Maria da Esperança⁽¹⁾. Casado aos 22-11-1752 com Mariana Francisca de Belém, na Igreja de Nossa Senhora da Conceição em Prados⁽²⁾. D^a Mariana Francisca de Belém era também açoriana, natural da freguesia de Nossa Senhora da Assunção, da vila do Porto, Ilha de Santa Maria, onde nasceu aos 20-09-1728, filha de José de Andrade Braga e Maria da Conceição⁽³⁾.

Bernardo Homem, pastor de rebanhos em sua terra (*ver nota 1*) deve ter vindo jovem para o Brasil, não se podendo precisar com exatidão a época. Sabe-se, porém, que, chegando a Minas, seguiu a trilha dos milhares de aventureiros que aportaram nes-

sas paragens: a busca pelo ouro⁽⁴⁾. Atuou, ao que parece, com sucesso na garimpagem de ouro e como mercador, adquirindo, com os recursos amealhados, uma fazenda no termo de São João Batista, região de São José Del-Rei, casando-se e adquirindo as patentes de alferes e capitão.

Bernardo Homem, que tinha por sobrenome inicialmente “Pimentel”, passou a adotar o sobrenome “Silveira” oriundo de seu avô materno, o Cap. Antonio (Homem) da Silveira, conforme assento de batismo de sua mãe Maria da Esperança⁽⁵⁾.

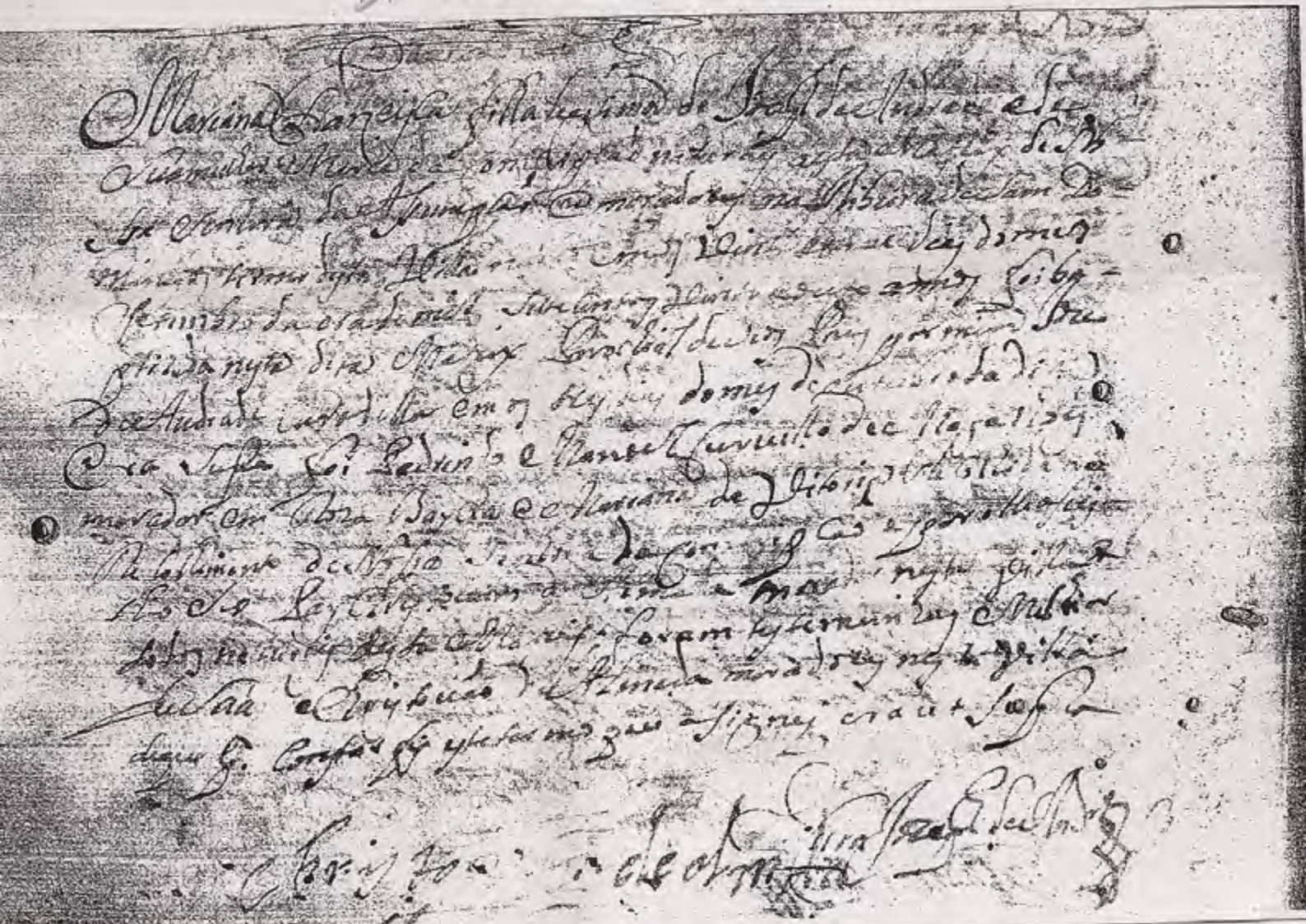
Segundo o Dr. Djalma Garcia Campos em seu livro “Iguatama – História e Genealogia”, o Alf. Bernardo Homem da Silveira adquiriu em 27-04-1770 uma fazenda (que era de Manoel de Souza Pacheco) na Paragem de São João Batista, freguesia de Santo Antonio (Tiradentes), comarca do Rio das Mortes. Bernardo Homem conseguiu a patente de Capitão de Cavalaria aos 24-03-1787, falecendo em 1798 aos 73 anos de idade e sendo sepultado no interior da capela de São João Batista (Morro do Ferro).

Bernardo Homem da Silveira fez seu testamento aos 30-03-



Morro do Ferro, Oliveira-MG onde BERNARDO HOMEM DA SILVEIRA viveu e morreu

BATISMO de Mariana Francisca do Belém



Bernardo Homem da Silveira casou-se com MARIANA FRANCISCA DO BELÉM, ambos são açorianos

1791, em São João Batista, tendo como testemunha João Pereira de Sampaio, nomeando como 1ª inventariante Dª Mariana Francisca de Belém. Testamento aberto pela viúva aos 25-10-1798 e acha-se arquivado no MRSJDR Cx. 131. O casal Bernardo Homem/Mariana Francisca de Belém, segundo apuramos, teve 11 filhos, a saber:

1. **Ana Vitória do Sacramento** batizada aos 22-01-1754 na capela da Lage (Resende Costa); casou com Manoel da Silva Porto em 1773 na Ermida de São João Batista;

2. **Pe. João Bernardes da Silveira**, batizado na capela da Lage (Resende Costa), freguesia da vila de São José (Tiradentes) aos 07-07-1755. Foi o 2º testamenteiro do pai. Pe. João Bernardes aprendeu a ler em Lagoa Dourada, quando menor. Fraturou uma perna quando tinha de 13 para 14 anos. Matou um escravo a tiros, sendo absolvido pelo Papa, após penitências. Habilitado para a vida religiosa em 1769. Um dos grandes latifundiários da região. (Fonte: Genealogias-Minas Gerais – Sudeste Mineiro “marcopolo.pro.br/genealogia/paginas/semg_letraH_shtml”);

3. **José Bernardes da Silveira**, batizado aos 19-09-1757 na capela da Lage. Casou com Ana Gonçalves da Cruz;

4. **Francisco Bernardes da Silveira**, batizado em outubro/1759 na capela da Lage. Foi casado com Rita Paim Pamploina de Menezes e Vasconcellos, tendo 2 filhos. Viúvo em 1791;

5. **Manoel Bernardes da Silveira** c/c Joana Rodrigues Pereira;

6. **Maria Joaquina da Silveira**, batizada aos 10-10-1762 na capela da Lage. Casou aos 01-05-1787 com Gabriel Gonçalves Montijo (família Antonio Rodrigues da Costa) Maria Joaquina testou na fazenda do Barreiro aos 12-10-1832, sendo sepultada aos 13-03-1833 na matriz de São Bento (Itapecerica);

7. **Mariana Francisca da Silveira**, batizada aos 11-04-1764 na capela da Lage. Casou aos 20-07-1786 com o Cap. Joaquim da Silva Leão (família José Vieira Machado). O Cap. Joaquim da Silva Leão foi o 3º testamenteiro do Cap. Bernardo Homem da Silveira. Dª Mariana Francisca ditou seu testamento aos 05-12-1820 e foi inventariada aos 16-04-1830 em São Vicente Ferrer (Formiga);

8. **Bernardina Joaquina da Silveira**, batizada aos 11-03-1776. Foi casada com Matheus Gonçalves da Costa, tendo o casal 4 filhos. Faleceu aos 09-03-1818, sendo sepultada em São João Batista (Morro do Ferro) O viúvo casou em 2^{as} núpcias com Esméria Rosa de Jesus, residentes na fazenda Palmeira, freguesia de Passa Tempo, onde ele testou aos 16-08-1825, tendo falecido e sepultado em Passa Tempo aos 27-06-1836;

9. **Genoveva Maria da Silveira**, batizada na ermida de São João Batista aos 20-10-1767, onde se casou com Manoel Martins Parreiras aos 13-05-1793;

10. **Antonio Joaquim da Silveira**, batizado em Passa Tempo aos 13-08-1769. Casou com Gertrudes Carrilha Sergedes aos 13-05-1797 em S. Vicente Ferrer (Formiga);

11. **Ana Felicia**, batizada na ermida de São João Batista aos 20-06-1773.

Pode-se afirmar seguramente que Bernardo Homem da Silveira, de forma destemida e empreendedora, realizou o sonho de milhares, senão milhões de portugueses, que vieram buscar fortuna no Brasil, aqui colaborando para a consolidação do povoamento de nosso Estado, deixando para a posteridade exemplo de persistência, dedicação ao trabalho, religiosidade, o que muito orgulha seus descendentes e toda a sociedade mineira e pátria.

(Fonte: <http://www.oocities.org/heartland/1074/bernardo.htm>)

NOTAS

(1) Assento de batizado de Bernardo Homem da Silveira: “Bernardo filho de João Gls Areias e de sua mulher Maria da Esperança, naturais e fregueses desta Paroquial Igreja da Virgem NS da Piedade da Ponta, termo da Vila das Lajens da Ilha do Pico e moradores da Cruz do Redondo, lugar desta freguesia, nasceu aos 20 dias do mês de maio da era de 1725 anos e foi batizado nesta Igreja de seus pais, aos 22 dias do dito mês e ano e por mim Francisco Álvares da Borba, vigário desta Igreja. Foram padrinhos Pedro de Fraga e Bárbara da Conceição, filhos de Frco. de Fraga e Maria Álvares, naturais e fregueses desta sobredita paróquia, estiveram testemunhas presentes o soldado Antônio Vargas Machado e Soldado Caetano da Costa Leal e para constar fiz este termo que assinei die, mense et anno ut supra”.

Os pais de Bernardo Homem eram pacatos lavradores, proprietários de vinhas e reses, conforme relatou Manoel Pereira da Rosa, seu conterrâneo, no processo de habilitação (De Genere) do Pe. João Bernardes da Silveira em 1779: “que conheceu na Ilha do Pico, sua pátria, a João Gls Areias e sua mulher Maria da Esperança, por alcunha Maria Santa, avós maternos do habilitando João Bernardes da Silveira, pessoas que viviam de suas vinhas, lavradores que eram, na mesma freguesia donde ele testemunha era natural (...) conhece e conheceu na sua pátria o dito Alferes Bernardo Homem da Silveira por serem vizinhos, em muitas vezes se encontravam no campo pastorando seus rebanhos”.

(2) Assento de batismo de Mariana Francisca de Belém: “Mariana Francisca, filha legítima de José Andrade e sua mulher Maria da Conceição, naturais desta Matriz de NS. da Assunção e moradores na Ribeira de São Domingos, termo desta Vila, nasceu aos 29 dias do mês de setembro da era de 1728 anos, foi batizada nesta dita Matriz paroquial de seus pais por mim José de Andrade, cura desta Matriz, em os três dias do mês de outubro da dita era supra, foi padrinho Mel. Curvello de Magalhães, morador em Rosa Baixa e Mariana da Vitória, recolhida no recolhimento de NS da Conceição e por ela assistiu seu pai Cristovam de Almada, morador nesta vila, todos naturais desta Matriz. Foram testemunhas Melchior de Saa e Cristovam de Almada, morador nesta vila, de que para

constar fiz este termo que assinei era ut supra, cura José de Andrade”.

D^a Mariana Francisca de Belém veio para o Brasil, igualmente muito jovem, com seus pais José de Andrade Braga e Maria da Conceição Estes eram aparentados entre si e se casaram aos 23-02-1726 na Matriz de NS da Assunção, Ilha de Santa Maria. José de Andrade Braga era filho de Miguel de Andrade Braga e Ângela de Magalhães, descendentes de famílias nobres da Ilha de Santa Maria. Sobre D. Mariana Francisca de Belém ver texto em nosso boletim nº CXXXVI, janeiro/2019.

(3) José de Andrade Braga e família transferiu-se para o Brasil, fixando moradia em Prados. Fez testamento no Sítio das Figueiras aos 14-01-1775, transcrito no Livro de Óbitos da freguesia de Prados, onde faleceu aos 25-02-1775.

O casal José de Andrade Braga e Maria da Conceição teve, segundo testamento, os seguintes filhos: I. Gaspar Antônio de Andrade; II. Antônio Borges de Andrade; III. José Francisco de Andrade; IV. Manoel José Pacheco; V. Mariana Francisca de Belém; VI. Maria da Assunção dos Prazeres; VII. Inês da Glória do Livramento; VIII. Rosa Margarida de São José; IX. Bernarda Josefa da Estrela.

(Fonte: Projeto Compartilhar – José de Andrade Braga)

(4) Nesse sentido, são esclarecedores os testemunhos e depoimentos encontrados no processo de habilitação de Pe. João Bernardes da Silveira.

“...conheceu o alferes Bernardo Homem da Silveira nestas Minas, primeiramente vendendo ouro lavrado e depois com sua fazenda e daí passou-se, depois de casado, a lavrador, como se acha com fábrica nesta freguesia...” (Miguel Leal do Couro).

“...conheceu o alferes Bernardo Homem da Silveira, sendo mercador, agora roceiro” (Amaro de Freitas Almada, natural da Vila do Porto, Ilha de Santa Maria).

(5) “Em os dezenove dias do mês de agosto de 1687, digo 1688, batizei a Maria, filha do Capitão Antônio Silveira e sua mulher Cecília Pereira. Foram padrinhos Alferes Francisco Machado Fagundes, freguês da Matriz da Vila das Lajens e Ana Monteiro, filha de João Quaresma, freguês da Igreja de Santa Bárbara das Ribeiras e para constar fiz este termo, o vigário Mel. Cardoso Machado”.

MAPEAMENTO GEOLÓGICO DE ROCHAS METAMÁFICAS E METASSEDIMENTARES DO *GREENSTONE BELT* RIO DAS MORTES NA REGIÃO DE SÃO TIAGO - CASSITERITA E ESTUDO PETROGRÁFICO E GEOQUÍMICO DE DIQUES METABÁSICOS E DE DIABÁSIO

FERNANDO DE SOUZA GONÇALVES VASQUES

1 - INTRODUÇÃO

O trabalho de levantamento geológico desenvolvido na região encontra-se associado a um projeto de pesquisa coordenado pelo professor Ciro Alexandre Ávila do Departamento de Geologia e Paleontologia do Museu Nacional. Este levantamento teve início em março de 2006, durante a elaboração da presente monografia, requisito necessário para obtenção do grau de geólogo, pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).

A borda meridional do Cráton São Francisco é caracterizada regionalmente pela presença de estreitas faixas de rochas vulcano-sedimentares do tipo *greenstone belt* (Schorsher, 1978; Pires, 1978; Teixeira, 1992; Schrank, 1986) e por rochas de natureza gnáissica, geralmente migmatizadas, com fácies metamórfica, variando de anfibolito a granulito e idades entre 3,0 e 2,4 Ga. (Teixeira, 1985; Carneiro, 1992; Noce, 1995; Teixeira *et al.*, 1998). Dentro deste contexto geológico, uma seqüência *greenstone belt* aflora de forma fragmentada desde a cidade de Conselheiro Lafaiete até a cidade de Lavras, passando pela região ao norte da cidade de Cassiterita, tendo recebido diversas designações, dentre as quais: *Greenstone Belt* Barbacena (Pires, 1978), Rio das Mortes (Quéméneur, 1987; Ávila *et al.*, 2004), Itumirim - Nazareno (Teixeira, 1992), Itumirim - Tirandentes (Valença *et al.*, 1998). Mais recentemente, Ávila *et al.*, (2006) propôs a subdivisão do *Greenstone Belt* Barbacena em três faixas distintas, denominadas de: Faixa Rio das Mortes, Nazareno e Dores de Campos.

Nessa mesma região também afloram diversos corpos plutônicos composicionalmente distintos, incluindo gabros, dioritos, quartzo dioritos, quartzo monzodioritos, tonalitos, trondhjemitos, granodioritos e granitos (Teixeira *et al.* 1997; Ávila *et al.* 1998b; Noce *et al.*, 2000; Ávila 2000; Toledo 2002; Ávila *et al.*, 2003, 2006a; Cherman, 2004) que estão associados ao Cinturão Mineiro. As feições de campo revelam um caráter posterior para esses corpos (em relação às rochas da seqüência *greenstone belt*), evidenciado pela presença de enclaves xenolíticos de rochas anfibolíticas, metaultramáficas e metassedimentares nos mesmos e pelos enxames de diques e apófises associados a esses corpos, que cortam as rochas anfibolíticas e metassedimentares do supracitado *greenstone*.

Nesse sentido, a presente monografia tem como principais objetivos caracterizar as feições de campo e a composição petrográfica das rochas anfibolíticas do *Greenstone Belt* Rio das Mortes, bem como caracterizar a petrografia e geoquímica dos diques de metagabro - metadiabásio e de diabásio encontrados na área estudada e intrusivos tanto nos corpos plutônicos, quanto nas rochas do *Greenstone Belt* Rio das Mortes.

3 - LOCALIZAÇÃO E VIAS DE ACESSO

A área estudada está localizada no centro-sul do Estado de Minas Gerais, abrangendo parte dos municípios de São João del Rei, Cassiterita, São Tiago e Ritápolis (Figura 1).

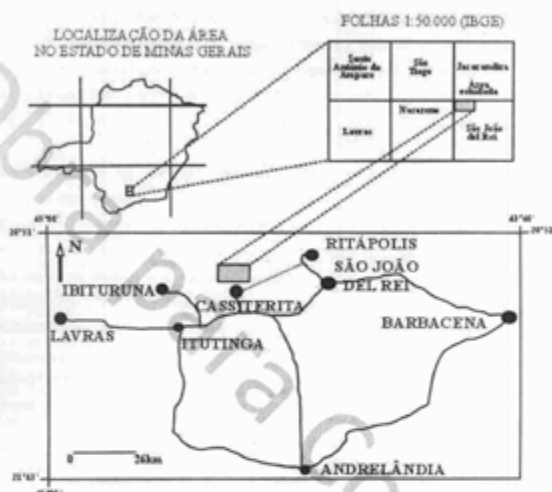


Figura 1 - Mapa de localização da área estudada

Com aproximadamente 108 km², a área mapeada situa-se na porção norte da folha topográfica São João del Rei (IBGE na escala 1:50.000), abrangendo a região ao norte do Rio das Mortes, sendo delimitada, geograficamente, pelos paralelos 21°00'00"S e 21°17'00"S e 44°15'00"W e 44°30'00"W. Também foram estudados diques máficos que afloram desde o rio Santo Antônio (próximo ao Vilarjeo do Glória) até nas proximidades do rio do Peixe.

O acesso à área estudada, a partir da cidade do Rio de Janeiro, é feito pela rodovia Rio de Janeiro - Belo Horizonte (BR-040) até a cidade de Barbacena, a partir de onde se utiliza a rodovia MG-265 até a cidade de São João del Rei e a entrada para a cidade de Cassiterita (hoje denominada Conceição da Barra de Minas). A partir da cidade de Cassiterita, utiliza-se a estrada de chão em direção ao município de São Tiago, cruzando o Rio das Mortes e o Rio do Peixe. A partir de São João del Rei utiliza-se a rodovia em direção à cidade de São Tiago, entrando a esquerda na mesma em uma estrada de chão que leva à cidade de Cassiterita, passando pela Fazenda da Cachoeira e por algumas das antigas minas de manganês desta região.

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo o mapeamento geológico na escala 1:25.000 de uma área de 108 km², situada entre as cidades de São Tiago e Cassiterita, no intuito de se estabelecer as relações geológicas entre as rochas do Greenstone Belt Rio das Mortes e as de dois corpos plutônicos (Granitóide Ritápolis e Diorito Brumado), bem como o estudo e inserção dos diques máficos (metagabros – metadiabásios e diabásios) no contexto geológico da borda meridional do Cráton São Francisco. As relações de campo apontaram a seguinte estratigrafia: i) Gnaiss bandado. ii) Seqüência Greenstone Belt Rio das Mortes. iii) Ortognaisse Granítico Fé. iv) Diorito Brumado. v) Granitóide Ritápolis e pegmatitos. vi) Diques de metagabro – metadiabásio e de diabásio. vii) Quaternário.

Rochas do pacote metassedimentar do Greenstone Belt Rio das Mortes, bem como anfíbolitos do pacote metavulcânico do mesmo greenstone ocorrem como xenólitos nas rochas do Granitóide Ritápolis, enquanto no Diorito Brumado foram observados somente xenólitos de rochas anfíbolíticas. Diques e apófises do Granitóide Ritápolis cortam o Diorito Brumado e as rochas anfíbolíticas do Greenstone Belt Rio das Mortes, enquanto diques de metagabro – metadiabásio intrudem rochas anfíbolíticas do Greenstone Belt Rio das Mortes, o Ortognaisse Granítico Fé e o Granitóide Ritápolis.

Dentro do contexto geológico, a seqüência Greenstone Belt Rio das Mortes é composta por dois conjuntos distintos: metamáfico, com raros níveis metaultamáficos e delgadas camadas metassedimentares; e metassedimentar com raras rochas metamáficas intercaladas. O conjunto metamáfico é representado por anfíbolitos (finos, porfiríticos e com granada) e metagabros médios, sendo que os anfíbolitos variam em granulação desde finos até médios e apresentam marcante foliação metamórfica. Estes são compostos por plagioclásio e hornblenda, tendo como minerais acessórios epidoto, titanita, allanita, zircão, minerais opacos, apatita, granada, clorita, biótitas, pirita e raro quartzo. Os metagabros apresentam granulação média, textura primária reliquiar tipo ofítica (pseudotransformada) e são compostos por plagioclásio e anfíbolito. A variação de granulação e mineralógica dos anfíbolitos pode estar associada a derrames basálticos com diferentes espessuras e composições. Rochas metaultamáficas de granulação desde fina até grossa ocorrem intercaladas com os anfíbolitos e são representadas por serpentinitos e hornblenditos (piroxenitos pseudotransformados). De forma semelhante, delgadas camadas de filitos amarronzados, quartzitos e BIF também ocorrem associadas com o conjunto metamáfico.

No pacote metassedimentar foram identificados filitos, filitos grafitosos, filitos amarronzados, gonditos e quartzitos. Estes ocorrem intercalados entre si formando uma seqüência sedimentar, que está presente como um megaxenólito de cerca de 4 km² dentro do Granitóide Ritápolis. As camadas desta unidade variam em relação a espessuras (desde milimétricas até métricas), destacando-se um nível de gondito, que pode chegar a medir cerca de 4m. Os gonditos são compostos de óxidos-hidróxidos de manganês e foram explorados economicamente.

A associação espacial dos anfíbolitos com as rochas metassedimentares, (gonditos, filitos, quartzitos) sugere a interação de um ambiente vulcânico (representado pelos basaltos, hoje anfíbolitos) com um ambiente sedimentar, tipificado por camadas de pelitos e de precipitados químicos (níveis manganíferos e silicosos), hoje representados por filitos, gonditos e quartzitos.

A mineralogia dos anfíbolitos é constituída de anfíbolito, plagioclásio, titanita, epidoto, quartzo, biótitas, allanita, clorita, zircão, apatita e granada e admite-se que a s mesmas foram metamorfisadas em condições de fácies anfíbolito inferior. A ausência de actinolita na paragénesis das amostras estudadas sugere que condições retrógradas de fácies xisto verde não foram alcançadas.

O estudo dos diques envolveu 22 corpos dentre os quais: 3 são intrusivos em rochas do Ortognaisse Granítico Fé (FR-1, 2 e 3); 1 no Quartzozodiórionto Glória (FR-4 ou RM - 6); 1 em rochas metaultamáficas do Greenstone Belt Nazareno (RM - 7); 1 em um migmatito de injeção que envolve rochas do Greenstone Belt Rio das Mortes e do Granitóide Ritápolis (FR-5 ou BC-1); 1 em rochas metamáficas do Greenstone Belt Nazareno (RM-7); 3 em rochas metamáficas do Greenstone Belt Rio das Mortes (FR-210, 211 e RM-5) e 13 no Granitóide Ritápolis, sendo 5 nas rochas da fácies média (pontos FR - 15, 39, 132, 169 e RM - 1) e 9 nas rochas da fácies grossa (pontos FR - 7, 9, 10, 12, 13, 14 e RM - 3, 4).

A mineralogia dos diques de metagabro – metadiabásio é composta de plagioclásio, hornblenda, apatita, minerais opacos, biótitas, epidoto, titanita, quartzo e clorita e restritamente, actinolita. Já os diques de diabásio possuem mineralogia composta de plagioclásio, clinopiroxênio, minerais opacos, olivina, clorita verde e vidro vulcânico. Os diques da área estudada foram subdivididos em três grupos: o primeiro grupo corresponde aos diques com textura primária e mineralogia magmática. O segundo aos diques com textura primária e mineralogia metamórfica e o terceiro grupo aos corpos com textura e mineralogia modificadas.

Os diques com textura primária e mineralogia metamórfica teriam sido modificados em condições de P e T condizentes com a fácies xisto verde ou no máximo epidoto anfíbolito durante o Evento Brasiliano, pois alguns destes apresentam actinolita. Neste sentido, os diques com textura e mineralogia modificadas estariam relacionados a um intervalo temporal muito grande entre 2121 ± 7 Ma e 567 Ma. Em relação aos diques com textura primária e mineralogia metamórfica podem ser separados dois conjuntos distintos, um com tendência alcalina e outro com tendência toleítica. Os diques com textura primária e mineralogia magmática estariam associados ao magmatismo básico de idade mesozóica, relacionado à abertura da porção sul do Oceano Atlântico.

MAPEAMENTO GEOLÓGICO DE ROCHAS METAMÁFICAS E METASSEDIMENTARES DO GREENSTONE BELT RIO DAS MORTES NA REGIÃO DE SÃO TIAGO - CASSITERITA E ESTUDO PETROGRÁFICO E GEOQUÍMICO DE DIQUES METABÁSICOS E DE DIABÁSIO

ANEXO I - MAPA GEOLÓGICO

MAPEAMENTO GEOLÓGICO DE ROCHAS METAMÁFICAS E METASSEDIMENTARES DO GREENSTONE BELT RIO DAS MORTES NA REGIÃO DE SÃO TIAGO - CASSITERITA E ESTUDO PETROGRÁFICO E GEOQUÍMICO DE DIQUES METABÁSICOS E DE DIABÁSIO

Monografia de Graduação

UFRRJ - UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO

Autor: Fernando de Souza Gonçalves Vasques

Orientador: Ciro Alexandre Ávila,
Departamento de Geologia e Paleontologia,
Museu Nacional - UFRJ

Março de 2007

LEGENDA

UNIDADES DE MAPEAMENTO:

PALEOPROTEROZOÍCO

— Diques de metagabro/metadiabásio

■ Fácies Grossa

■ Fácies Média

■ Fácies fina

■ Diorito Brumado

Granitóide

Ritápolis

PALEOPROTEROZOÍCO / ARQUEANO

■ Greenstone Belt: Rio das Mortes

■ Rocha Metaultramáfica

■ Gnaissse Bandado

CONVENÇÕES

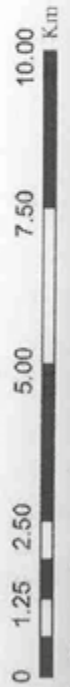
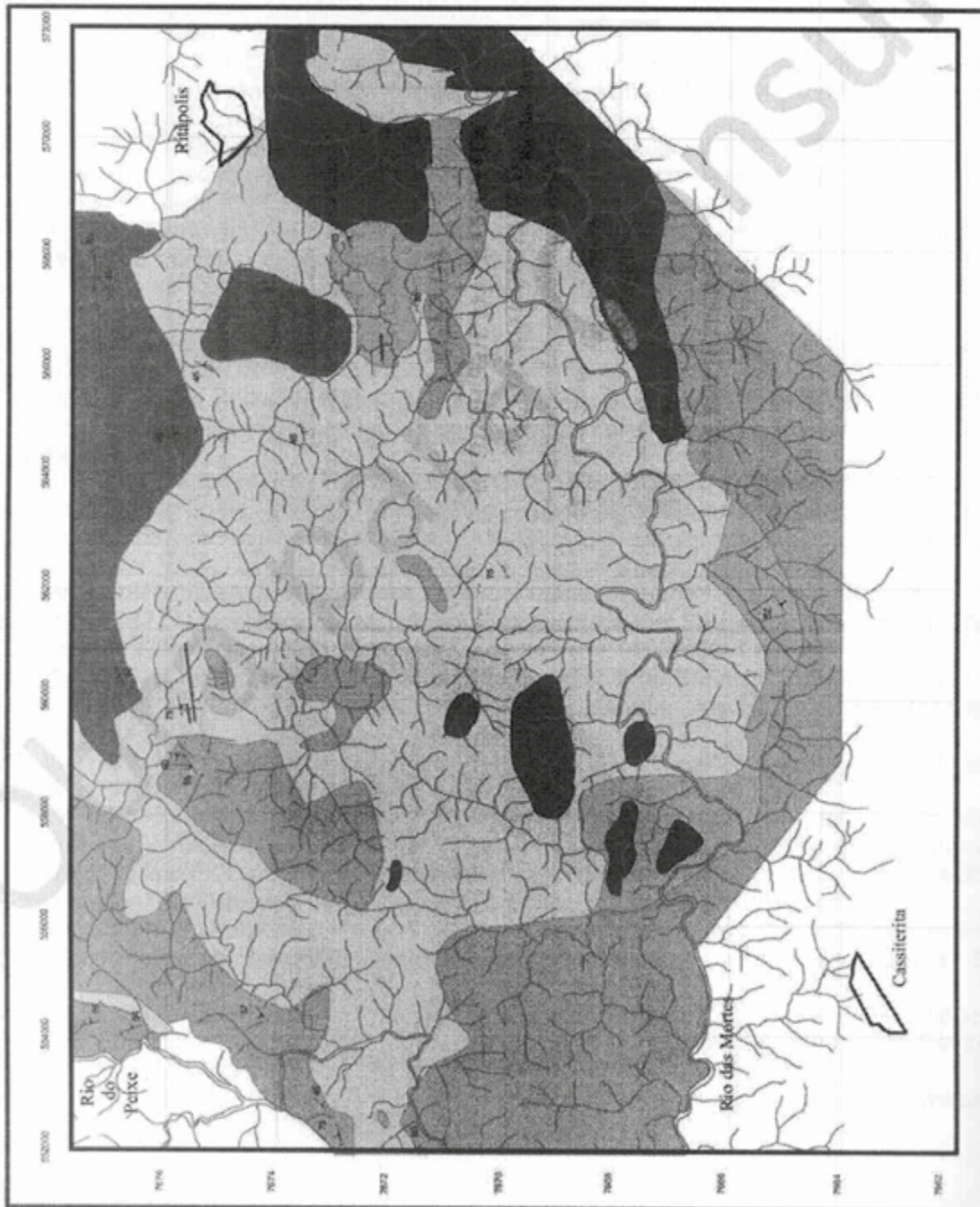
✓ Foliações

~ Folição interna dos diques

~ Drenagens

○ Cidades

□ Área não mapeada



Em
nome
da
Fé:



TRAJETÓRIA E MEMÓRIAS DO
PADRE TIAGO
DE ALMEIDA



Padre Tiago de Almeida, o saudoso “Padre Tiaguinho”

16 de Fevereiro de 2018, por Rosalvo Pinto

A 36 km de nossa Resende Costa, é conhecida no âmbito da Região do Campo das Vertentes pelo nome de São Tiago. Assim como nossa cidade é a Lagartixa, também São Tiago é conhecida por Cidade dos Biscoitos. Cidade simpática, mas que vim a conhecer tardiamente, pois, com meus 11 anos, já estava enclausurado no seminário dos salesianos de São João del-Rei. Se nem era permitido voltar à minha casa em Resende Costa, nem sonhar em conhecer São Tiago.

Mas por que falar do “Padre Tiaguinho”? Porque ele era um santiaguense que se tornou, inesperadamente, meu grande amigo. Ao consultar minha lista de aniversariantes, constatei que no dia 4 de fevereiro ele estaria completando 89 anos. Mas eu sei que está. Sempre.

O menino Tiago foi batizado pelo vigário José Duque Siqueira (ex-vigário em Resende Costa) no mesmo mês (29/02/1929). Fez o antigo primário de 1936 a 1941. Em 1942 entrou no seminário salesiano em Lorena/SP para fazer o ginásio e o colegial (1946). Em Pindamonhangaba/SP fez o noviciado, onde recebeu a batina. Os estudos filosóficos foram feitos em Lorena/SP (1947/1950). Depois vieram os três anos de Assistência e professorado aos alunos do Colégio de Araxá (1950/1953). Após os quatro anos dos estudos teológicos no Instituto Pio XI (Lapa/SP, 1953/1956), recebeu as ordens sacerdotais. Dadas suas capacidades intelectuais, de imediato os salesianos o encaminharam para licenciar-se em História Eclesiástica na Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma (1956/1958).

E assim, voltando da Europa, o Padre Tiaguinho iniciou seus trabalhos em São João del-Rei, assumindo a cátedra de História e Sociologia e várias outras atividades religiosas externas.

Entrei no Seminário Salesiano (Aspirantado) em São João del-Rei em 1953, mas conheci o Padre Tiaguinho somente a partir de 1959, quando, ao terminar o noviciado em Barbacena, comecei o meu curso de Filosofia e curso de Letras na recém-nascente Faculdade Dom Bosco em São João del-Rei. Ele professor e eu aluno, tínhamos um pequeno contato, pois não lecionava no meu curso (Letras anglo-germânicas). Lembro-me de que ele, em razão da pobreza de sua família em São Tiago, por um período trouxe para o Colégio São João seu pai,

para ajudar nas lides das hortas e pomares, como auxiliar do Irmão Ludovino Lima.

Quando terminei meu curso filosófico e de Letras, aguardava ansioso pelo meu destino: a “Assistência”, para onde iria?”. Veio logo a informação: os seminaristas (aspirantes) do Colégio seriam deslocados de São João para a cidade de Pará de Minas, pois o Colégio Dom Bosco seria aberto à comunidade de São João del-Rei. E, para a minha alegria, foi nomeado diretor do Colégio o Padre Tiaguinho e eu, assistente. Daí surgiu uma amizade que não teve fim. Ah, ia me esquecendo, ele foi meu professor de acordeão... Tempos depois, quantas viagens como motorista do seu “Fusca” para o seu trabalho incansável, os gostosos encontros com as mocinhas e mocinhos de São Tiago... E, para coroar, o casamento com minha noiva Beth...

Sua vida foi dedicada ao sacerdócio, à educação, à juventude, aos pobres, à História e à música. Como educador, dedicou-se à alfabetização dos mais pobres, com o método SDB (“Método Sistema Dom Bosco de Educação de Base para Alfabetização de Adultos”) por ele mesmo criado - um método simples, para ganhar uma rápida eficiência.

O Padre Tiaguinho nos deixou no dia 14 de maio de 1985, por volta de meio-dia, na Avenida do Contorno, em Belo Horizonte, vítima de um atropelamento.

Tomo a liberdade de encerrar esta minha homenagem ao Padre Tiaguinho transcrevendo o texto de sua amiga Maria de Lourdes Rezende (Cairu), lido no dia 15 de Maio de 1985, durante o seu velório em São Tiago: “Morreu o Padre Tiaguinho. Morreu o poeta, o escritor, o artista, o seresteiro. Morreu o sacerdote humilde, pobre que deu sua vida à Igreja amando, ajudando, perdando. Morreu o grande orador sacro! Seus sermões, Padre Tiago, a sua voz eloquente e firme, sua mensagem de sacerdote e de amigo não se calarão aos nossos ouvidos. Você parte e deixa o seu exemplo de dignidade, de pobreza e de fé. Morreu o Padre. Morreu o poeta e cantor, o artista de nossos teatros, o sanfoneiro de nossas festas, o padre – o padre e grande padre...”

<https://www.jornaldaslajes.com.br/colunas/causos-e-cause/padre-tiago-de-almeida-o-saudoso-padre-tiaguinho/1128>
- Acesso: 06/11/2018

Com apoio do SICOOB CREDIVERTENTES será lançada a obra “Em nome da fé: Trajetória e memórias do Padre Tiago de Almeida” autoria da historiadora Edriana Aparecida Nolasco, que traça um perfil humano, intelectual, religioso de Padre Tiago de Almeida (1929 – 1985), personalidade cujo legado enriqueceu sobremaneira os rumos da fé e da educação a nível nacional e mesmo internacional.

Trata-se do 3º Volume da Coleção “Vertentes Cultural” iniciativa institucional que busca – por honrosa decisão assemblear – resgatar, preservar valores de nossa cultura e memória regional, fortalecendo a identidade histórica, enaltecendo vultos humanos e construindo pontes entre gerações.



LEIS DIVINAS

Deus é o Criador, o Regente Absoluto de tudo quanto há no universo e Se revela, atua, administra e Se move através de leis imutáveis e sapientíssimas. Orbes, civilizações, humanidades evoluem em equivalência, consonância a princípios legislativos e a leis disciplinadoras de “causa e efeito”, de “ação e reação” ou conforme o contexto bíblico “A cada um segundo as suas obras” “Com a mesma medida que medirdes, ser-vos-á medido”

A vida, em sua eternidade, se plasma, se manifesta em todos os planos, a maioria deles imperceptível aos sentidos humanos, desde a mais sutil vibração de uma onda, de um pensamento ou átomo, até a compactividade de uma cordilheira ou de um sistema planetário. Tudo, pois, sofre o disciplinamento das Leis Siderais, incluindo o movimento e a função de galáxias, constelações, orbes, moléculas, neutrinos, universos paralelos, pensamentos, objetivando o perfeito equilíbrio e harmonia universal.

Caso ocorra alteração ou lesão no ritmo de equilíbrio e harmonia em qualquer plano ou nível – físico, espiritual, mental, etérico – gera-se um efeito disciplinador, regulador, partindo sempre da causa consoante os fundamentos inderrogáveis da Lei e de que o Evangelho é sua condensação maior e a mais sublimada. Tudo quanto exorbita das regras e dos princípios disciplinadores requer correção de rumo, ressarcimento por parte dos agentes, sejam indivíduos ou coletividades. Da mesma forma, toda obra que se inspira e prima pelo amor, pela excelência ética, glorifica e exalta da Harmonia Maior e contribui para a consolidação da Obra Divina (“Sereis conhecidos por muito amardes”).

A Lei Divina, ante a ação negativa humana, pessoal ou social, busca reparar, eliminar a incorreção, de forma a cercear a causa primária, proporcionando um resultado educativo, retificador, aprimorador. A mesma Lei que

mantém a coesão dos astros na imensidão cósmica, promove a afinidade e atração entre as substâncias, faz vibrar a chama criadora do amor entre os homens. Ela é corretiva e simultaneamente pedagógica, atingindo todos os campos – moral, científico, psicoemocional, consciencial – orientando, estendendo-se a todos em seus itinerários de escalada espiritual, tal qual o maestro que admoesta o músico absorto, incitando-o a retornar e a se ajustar ao ritmo harmônico e refinado da orquestração.

Para quem julga difícil nortear-se pela Lei Divina, eis o Evangelho, que, há cerca de dois milênios, ilumina os caminhos humanos e dos povos, alertando incessantemente quanto aos escolhos dos vícios e das paixões aniquilantes, os tentáculos do orgulho e do egoísmo, as ilusões do poder, das posses e glórias mundanas. O Evangelho é o Código Superior, Tratado da mais excelsa conscientização a nos ensinar a prudência, a fraternidade, a tolerância, a sensatez, o perdão, o altruísmo, propagado a todo instante, em todos os quadrantes e por todos os meios, por abnegados obreiros do Cristo Senhor.

A vida, sob a aparente degradação ou desintegração, plasma estados superiores, alimentados pela própria energia ebullitiva que atua em todas as dimensões, até as mais dinâmicas e sublimadas, perceptíveis além das vestimentas das formas e dos sentidos. Tudo quanto é material é por natureza instável, polarizada, sofrendo constante desgaste e fuga energética. O tempo acaba por desfazer a compactividade transitória da matéria, desvestindo o seu residual morfológico e todo seu ativismo primário, provocando, contudo, no caso humano o ativamento psíquico-espiritual, desatando e ampliando o potencial de luz, que é o princípio divino latente em todo o ser. O pó que torna ao pó; o espírito que torna ao seio divino.



LÁGRIMAS DE RUDÁ

O folclore nacional é riquíssimo em mitos, lendas, usos e costumes.

Mas, apesar disto, tradições populares brasileiras ainda carecem de mais interesse e de melhores estudos, posto que continuam perdendo terreno para manifestações que não são de cunho nacionalista. Basta verificarmos que nos finais dos meses de outubro de cada ano disseminam por aqui o “halloween”, modismo que conta com o reforço do comércio, da mídia e de muitas escolas, em detrimento de ações mais favoráveis a mitos nacionais, tais como o Boitatá, Saci-Pererê e outros; esta é uma análise desprovida de xenofobia, mas presumo que a continuar assim os nossos mitos caminharão para o esquecimento, já que as alienígenas bruxas, os duendes e os gnomos vão massacrando o folclore brasileiro.

Falando daquilo que é mais da terra sul-americana e/ou tupiniquim, creio que uma das mais importantes lendas é a de Tupã, o deus Trovão realizador de toda a criação. Contam que com a ajuda da deusa Aracy ou Jacy (a lua), Tupã criou tudo o que existe. Assim, quando os portugueses chegaram ao Brasil, já encontraram diversos grupos indígenas. Aqueles gentios eram os chamados de

“Tupis-Guaranis”. Os Tupis habitavam a faixa litorânea e um pouco mais para o interior dela, de São Paulo até o Ceará; os Guaranis predominavam na região da bacia dos rios Paraná e Paraguai e na costa meridional do país. Mas os Tupis e os Guaranis eram grupos diferentes e, quase sempre, inimigos uns dos outros. Entre as duas nações havia diferenças culturais e de localização territorial.

Desta forma, acredito que quando usarmos a expressão “tupi-guarani” devemos ter a consciência que estamos nos referindo a uma grande família que congrega nações e línguas indígenas sul-americanas; então, devemos entender que o Tupi é uma língua e que o Guarani é outra; portanto, não devemos dizer que há uma “língua tupi-guarani”, pois o termo refere-se genericamente a uma família de línguas, e não a uma língua específica. No Paraguai, a língua Guarani foi mantida oficialmente em conjunto com o castelhano, além de o Guarani ser também a moeda oficial. O Tupi ficou conhecido como a “língua geral”, ou seja, a língua mais usada na costa brasileira, lentamente sacrificada pelo português lusitano trazido pelo colonizador. De resto, sobrou-nos o Nheengatu, a “língua boa” também conhecida como “tupi moderno” e que ainda

faz parte do dia-a-dia da população cabocla do interior amazônico, além de ser a língua co-oficial do Município de São Gabriel da Cachoeira - AM.

Estas notas preliminares servem apenas como preâmbulo para a apreciação da lenda das “Lágrimas de Rudá; na mitologia tupi, Rudá é o deus do amor, aquele que vive nas nuvens e tem a missão de despertar o amor dentro do coração dos homens e das mulheres, entidade também relacionada com o egípcio deus Hórus e o deus Shiva dos hindus. A matéria que doravante transcreverei é a versão indígena que explica a criação do Córrego do Lenheiro, histórico curso d’água que atravessa a cidade de São João del-Rei. A lenda que vai aqui transcrita é parte integrante do livro “Visita à colonial cidade de São João del-Rei”, da autoria do prof. Antônio Gaio Sobrinho (Ed. do autor, 1999, pág. 122-123). Com esta reprodução, homenagem o escritor através de quem primeiro fiquei sabendo da existência da lenda, a qual, há anos, depois de uma dura e agradável caminhada, foi recontada para mim e minha irmã Ana Maria, quando estávamos bem aos pés daquelas inscrições rupestres que ornamentam os rodapés dos mais altos espigões da Serra do Lenheiro. Eis a formidável narrativa:

“Rudá, deus do amor, vigiava a caiçara, onde as ocas, em festa, celebravam, naquele ano, a fartura das colheitas. No encerramento das solenidades, as promessas de vida da tribo seriam renovadas pelas núpcias de sua juventude, cujos pares aguardavam alegres o momento final dos festejos, a hora tão esperada do Amor. Chegado o último dia das grandes cerimônias, eis que as virgens casadoiras da tribo desceram a banhar-se para seus noivos nas águas do Grande Rio que cortava longe, avolumado já das primeiras chuvas.

Seguiam-nas à respeitosa distância, à espera da própria vez de também se lavarem, os noivos amados que se iniciavam, a um tempo, nas artes da guerra e do amor. Mas o Rio, traiçoeiro e profundo, transbordou de repente e envolveu as infelizes jovens nas suas águas redemoinhas, rolando com elas no vórtice da correnteza, várzea abaixo. Os jovens guerreiros e enamorados, presenciando a dantesca tragédia, acorreram pressurosos a seus gritos, lançando-se nas águas túrbidas do caudaloso Rio, buscando debalde salvar suas amadas noivas. Os braços gigantes do Rio levaram também a eles para os tenebrosos reinos da morte inevitável. Nunca foram tão tristes as colheitas, na taba dizimada e enlutada. Aquele que era para ser um dia de risos e esperanças e alegres promessas de vida fechou-se trágico e lutuoso para todos.

E, sob o firmamento estrelado da noite linda, a tristeza envolveu a tribo num manto de solidão e dor. Rudá, impotente naquele transe, não se conteve de emoção e chorou uma lágrima de tristeza e saudade. Tupã, que tudo vira, comoveu-se também e eternizou esta lágrima divina em límpido e manso regato, aonde viesse a tribo

beber e onde pudessem as suas virgens, para o futuro, banhar-se, prazerosas e sem perigo. E desde então aquela sentida lágrima de ternura e amor, como um presente divino, rolou pela serra abaixo, num leito de areia branca sobre o qual as flores silvestres vinham tombar suas hastes em terna e perfumada reverência. Rolou silenciosamente para permanecer eterna, reunindo-se de outras fontes e deslizando com elas, sem pressa, levando as pétalas das flores e o perfume das virgens índias que lhe vinham receber o beijo ameno e a carícia macia de suas águas em troca do suave contato de seus lindos corpos.”.

Com este relato, percebemos como os índios acreditavam nos deuses Tupã e Rudá, os quais derramavam bênçãos por sobre a terra que tanto amavam, afeição que se percebe deficiente em muitos de nós, os são-joanenses dos séculos XX e XXI. No ano de 1999, eu publiquei em jornais locais uma crônica que tratava da lenta agonia do Córrego do Lenheiro. À época eu argumentava que uma relíquia do patrimônio natural são-joanense estava na UTI e que, nos nossos quase 300 anos de história, a poluição do córrego vinha se agravando cada vez mais: degradamos a natureza, construímos aterros, permitimos a invasão de suas margens, desmatamos a sua nascente, mudamos o seu curso original, diminuímos-lhe os níveis de oxigênio, descartamos muito lixo dentro do seu canal e eliminamos grande parte da sua fauna e flora... Os córregos do Rio Acima, Água Limpa e Águas Férreas, seus afluentes, sofreram (e sofrem) cada vez mais semelhantes males; os nossos esgotos estavam (e continuam) sendo jogados no Córrego, “in natura”, poluindo também o Rio das Mortes.

Metafraseando o francês André Gide, reafirmo que “todas essas coisas já foram ditas; mas como ninguém ainda as escutou, torna-se sempre necessário voltar a dizê-las.” Naquela crônica, usei o seguinte preâmbulo: “Por fim, a nossa água ainda escorre cada vez mais suja, a História segue o seu curso e com um prazer cada vez maior, parece que nós, modernos Pôncios Pilatos, continuamos a lavar as nossas mãos...”. Por estar tudo como d’antes é que repito o alerta aqui, agora na forma de epílogo, com a esperança de que dias melhores possam estar reservados ao histórico ribeirão que os aborígenes acreditavam ser originário de uma lágrima de Rudá, eternizada por Tupã!



Vistas do Córrego do Lenheiro - Texto e fotografias de José Antônio de Ávila Sacramento

O NÚMERO QUARENTA E SEU SIMBOLISMO

4

DIAS

0

NOITES

O número quarenta é, por demais, interessante e presente no nosso dia a dia, surgindo frequentemente no cumprimento de promessas bíblicas. Vejamos alguns exemplos, dentre as dezenas talvez constantes na Bíblia. É o número simbólico da penitência e da expectativa.

- As águas do dilúvio caíram por 40 dias e 40 noites (Gen 7:17)
- O povo de Israel peregrinou 40 anos no deserto, ali comendo o maná (Ex 16:35 – Nm 14:33-34)
- Moisés esteve com Deus, no monte, 40 dias e 40 noites, “sem comer pão ou beber água e ali escreveu nas tábuas as palavras da aliança” (Ex 24:18; Ex 34:28)
- O número (pena) máxima de açoites ou chicotadas era 40 (Dt 25:31)
- Deus determinou que a terra descansasse 40 anos (Jz 3:11 – 5:31 – 8:28)
- O gigante Goliás provocou Israel durante 40 dias (I Sm 17:16)
- Saul e Davi reinaram, respectivamente, sobre Israel durante 40 anos (At 13:21; II Sm 05:4; I Rs 12:1) De igual forma Salomão (I Rs 11:42), Joás (II Rs 12:1), e Eli (Jz 8:28; Sm 14:18) reinaram por 40 anos
- Elias viajou cerca de 40 dias
- O Egito foi assolado pelas pragas durante 40 anos (Ez 29:11-12)
- Deus deu a Ninive 40 dias para se arrepender (Jn 3:4)
- O homem curado tinha 40 anos (At4:22)
- Jesus jejuou 40 dias e 40 noites. “Então Jesus foi levado pelo espírito para o deserto, para ser tentado pelo diabo. Por quarenta dias e quarenta noites, esteve jejuando” (Mt 4:1-2)
- Jesus foi tentado durante 40 dias (Lc 4:2; Mc 1:13)
- Jesus permaneceu na Terra 40 dias após a sua ressurreição. “Ainda a eles, apresentou-se vivo depois de sua paixão, com muitas provas incontestáveis; durante quarenta dias apareceu-lhes e falou-lhes do que concerne o Reino de Deus” (At 1:3).

Nas lojas maçônicas, a corda de 81 nós que circunda as paredes do templo simboliza a união, sendo o ponto inicial o número hum, isto é, a unidade indivisível, símbolo e manifestação de Deus, princípio e fundamento do universo. Os 40 nós da corda, em duas borlas ou fileiras estendendo-se pelo norte e pelo sul, terminando na porta ocidental de entrada, representam a Justiça (Equidade) e a Prudência (Moderação)

O número quarenta indica, geralmente na Bíblia, tempos de provação, passagem, servidão, de dureza dos corações humanos, consumação do tempo, julgamento, o que após superado (expiado) gera a Terra Prometida, a entrada no destino de descanso, a redenção, a transição para novo pacto, o acesso a novo espaço de luz e jornada para os eleitos.

Representa ainda o fim de uma geração, de um processo, transformação, a remoção do que é “movível”, “conflituoso”, “desafiador” à caminhada evolutiva humana.

Na oralidade popular, aparece na forma de provérbios e axiomas, com enfoque, via de regra, na passagem etária (idade). Alguns exemplos:

- Dos quarenta anos para riba, não molhes a barriga;
- Quem chega aos quarenta anos sem ser estimado, não o será nunca;
- Quem aos vinte não (tem) barba, aos trinta não casa, aos quarenta anos nada tem;
- A vida começa aos quarenta;
- Depois dos quarenta, montanha abaixo;
- Os quarenta anos são a velhice da juventude; os cinquenta anos são a juventude da velhice;
- Quem aos trinta não pode, aos quarenta não sabe e aos cinquenta não tem, não pode, não sabe, não tem;
- Até os quarenta, bem eu passo; dos quarenta em diante, ai da minha perna, ai do meu braço;
- Se chove no São Benedito, só quarenta dias depois, terá um dia bonito.



Carlos Drummond de Andrade

Nasceu a 31 Outubro 1902

(Itabira do Mato Dentro, Minas Gerais, Brasil)

Morreu em 17 Agosto 1987

(Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil)

Carlos Drummond de Andrade foi um poeta, contista e cronista brasileiro, considerado por muitos o mais influente poeta brasileiro do século XX.

SONETO DA PERDIDA ESPERANÇA

Perdi o bonde e a esperança.
Volto pálido para casa.
A rua é inútil e nenhum auto
passaria sobre meu corpo.

Vou subir a ladeira lenta
em que os caminhos se fundem.
Todos eles conduzem ao
princípio do drama e da flora.

Não sei se estou sofrendo
ou se é alguém que se diverte
por que não? na noite escassa

com um insolúvel flautim.
Entretanto há muito tempo
nós gritamos: sim! ao eterno.



Mário Quintana

Nasceu a 30 de julho de 1906

(Alegrete, Rio Grande do Sul)

Morreu em 5 de maio de 1994

(Porto Alegre, Rio Grande do Sul)

Mário de Miranda Quintana foi um poeta, tradutor e jornalista brasileiro. Mário Quintana fez as primeiras letras em sua cidade natal, mudando-se em 1919 para Porto Alegre.

ESPERANÇA

Lá bem no alto do décimo segundo andar do Ano
Vive uma louca chamada Esperança
E ela pensa que quando todas as sirenas
Todas as buzinas
Todos os reco-recos tocarem
Atira-se
E
— ó delicioso vôo!
Ela será encontrada miraculosamente incólume na calçada,
Outra vez criança...
E em torno dela indagará o povo:
— Como é teu nome, meninazinha de olhos verdes?
E ela lhes dirá
(É preciso dizer-lhes tudo de novo!)
Ela lhes dirá bem devagarinho, para que não esqueçam:
— O meu nome é ES-PE-RAN-ÇA...

Texto extraído do livro "Nova Antologia Poética", Editora Globo - São Paulo, 1998, pág. 118.